

# BASTIDORES DA CENA: A CRISE NO TEATRO DE SÃO PAULO NA CORRESPONDÊNCIA DE FERREIRA DE MENEZES A MACHADO DE ASSIS

## BEHIND THE SCENE: A CONFLICT IN THE THEATRE OF SÃO PAULO IN THE CORRESPONDENCE OF FERREIRA DE MENEZES AND MACHADO DE ASSIS

José Augusto Souza e Silva BIANCHINI<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto se debruça sobre a correspondência do acadêmico José Ferreira de Menezes ao escritor Machado de Assis durante o ano de 1866, buscando contextualizar, por meio da identificação de fatos e eventos registrados em periódicos, os negócios e conflitos que pautaram as missivas e que envolviam Joaquim Augusto Ribeiro de Souza, José Victorino de Azevedo e Julia de Azevedo, artistas do teatro de São Paulo.

**Palavras-chave:** Teatro Brasileiro; Machado de Assis; José Ferreira de Menezes; Joaquim Augusto Ribeiro de Souza.

**Abstract:** This paper focuses on the correspondence of the academic José Ferreira de Menezes to the writer Machado de Assis during the year 1866, seeking to contextualize, through facts and events identified in periodicals, the negotiation, and conflict that guided the letters and involved the names of Joaquim Augusto Ribeiro de Souza, José Victorino de Azevedo, and Julia de Azevedo, artists from the theatre of São Paulo.

**Keywords:** Brazilian Theatre; Machado de Assis; José Ferreira de Menezes; Joaquim Augusto Ribeiro de Souza.

### *Introdução*

No ano do centenário da morte de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), a Academia Brasileira de Letras lançou o primeiro volume de uma coletânea monumental da correspondência deste que é considerado o maior escritor brasileiro de todos os tempos. Do conjunto de cartas enviadas e recebidas durante a década de 1860, três nos interessam de maneira particular: aquelas redigidas pelo acadêmico José Ferreira de Menezes (184?-1881) a Machado de Assis entre setembro e novembro de 1866, na quais se verifica um conflito entre o autor das missivas e o ator Joaquim Augusto Ribeiro de Souza (1825-1873).<sup>1</sup>

Na primeira das correspondências, redigida em São Paulo e datada de 18 de setembro de 1866, Ferreira de Menezes tratou de negócios com Machado de Assis. Um

---

<sup>1</sup>Mestrando em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (PPGAC/ECA/USP). E-mail: jbianchini@usp.br.

desses negócios dizia respeito à participação do escritor fluminense como correspondente do *Diario de S. Paulo*. O outro se relacionava com o teatro, mas o assunto não foi explorado pelo autor, que apenas indicou ao seu interlocutor que desse prosseguimento às tratativas:

Aos negócios. A Empresa aceita com agrado a tua cooperação e nada objetou sobre a questão dinheirosa e nem tinha *que* objetar. Foste modesto como sempre. Por este correio receberás a carta e as cláusulas do negócio [?]. Estás correspondente. Só assim terei notícias tua[s] em cada correio. Foi boa a *minha* ideia. Quanto ao negócio do teatro, continua a tratar dele. Está por aqui o Muniz Barreto (ASSIS, 2008, p. 163-164).

Nas linhas seguintes, sem estabelecer qualquer relação com a passagem anterior, surgem os nomes de Furtado Coelho<sup>2</sup> e Joaquim Augusto, os dois principais artistas da cena teatral brasileira naquele momento:

Recebi cartas do Furtado Coelho. Agradece-me os recados que lhe mandei por ti. O Furtado é um bom ra[paz]. Outro tanto não posso dizer do célebre Joaquim Augusto. Deves saber do que se deu por aqui entre mim e ele. O processo penderá da decisão do Juiz de Direito. O Augusto é um dos répteis que tenho en[contrado] sob os meus pés! Deus se com[padeça] dele (ASSIS, 2008, p. 164).

Do primeiro, Ferreira de Menezes registrou ter recebido uma carta na qual agradece os recados enviados por intermédio de Machado de Assis, e a ele se referiu como um "bom rapaz". Por sua vez, Joaquim Augusto foi tratado de maneira pouco lisonjeira pelo acadêmico. Assumindo que Machado de Assis sabia o que se passara entre os dois, Menezes atribuiu ao juiz de direito a decisão da contenda.

Na segunda correspondência, redigida onze dias depois, Ferreira de Menezes respondia a uma carta de Machado de Assis, sugerindo ao escritor imparcialidade política em suas correspondências ao *Diario de S. Paulo*. Quanto ao negócio do teatro, informou a Machado que o ator José Victorino lhe escrevera, pedindo garantias e um aumento no ordenado oferecido:

Nesta data [escre]ve-te o José Vitorino sobre o negócio do teatro de São Pedro. Como verás, o José Vitorino pede garantias e mais cinquenta mil réis sobre o ordenado oferecido. Não acho demasiadas as condições dele. Fala ao Dengre[mont] (...). Arranja tudo isso como bom advogado que és. O José Vitorino serve numa empresa, nos negócios de escritura, cópia de papel etc. Vê pois. Como amigo que sou digo-te com franqueza que tenho o maior interesse em que o José Vitorino e a Júlia vão para a Corte, interesse *que* vem de eu não querer *que* eles fiquem em São Paulo. Tanto mais *que* o infame Joaquim Augusto por seu lado batalha para esse fim. Portanto vê, esgota os teus bons ofícios nesta questão. O José Vitorino tem a cabeça irrisoluta. Oferece-lhe por aqui [um empresário] condições vantajosas, mas entre as duas propostas balança ele perplexo (ASSIS, 2008, p. 167).

Ferreira de Menezes pediu a Machado que intercedesse pelo ator, pois desejava que este e sua esposa, a atriz Julia de Azevedo, deixassem a cidade de São Paulo e seguissem para a Corte, o que também seria de interesse do "infame" Joaquim Augusto. Na terceira carta de Menezes a Machado de Assis, datada de 5 de novembro, o acadêmico não conseguiu esconder seu aborrecimento com o silêncio do escritor, pedindo-lhe que respondesse o quanto antes, pois encontravam-se impacientes J. Victorino e D. Julia:

Pela primeira vez zango-me contigo! Escrevi-te, há quase um mês, pedindo-te urgência para um negócio, e nem uma palavra tua! Nem *sim* nem *não*? O que fazer? Não recebeste *minha* carta? Não queres dar-me decisão do negócio? Confessei-te o meu grande empenho em toda esta questão disse-te e digo-te que cada dia *que* se passa sem que isso se resolva, é de grande prejuízo e nada é bastante para arrancar-te do teu silêncio, do teu pouco de caso, das tuas *delícias de Cápua* nessa Corte! Oh! Machado! Como teu amigo, peço-te *que* mudes de trilhas. Escreve-me, escreve-me pelo próximo correio, sem falta alguma! Conclui esse negócio de qualquer modo. O José Vitorino está sumamente impaciente. A Dona Júlia pergunta todos os dias pela decisão e nada te move! Espero portanto uma carta tua no próximo correio. Não faltes, senão acreditaria que não te valho coisa alguma! (ASSIS, 2008, p. 175).

Em primeira leitura, o conjunto destacado de cartas evidencia a tentativa de Ferreira de Menezes de mobilizar Machado de Assis (e, possivelmente, Furtado Coelho) em prol dos artistas José Victorino e Julia de Azevedo. A mobilização para que o casal deixasse a cidade de São Paulo sugere uma possível retaliação ao ator Joaquim Augusto, então diretor da companhia dramática da cidade e com quem Ferreira de Menezes estava em litígio. Ao assumir que Machado de Assis sabia do imbróglio, Menezes deixou de evidenciar aquelas que são nossas questões primordiais e até então desconhecidas pela historiografia do teatro: Qual foi o objeto da disputa judicial com o ator Joaquim Augusto e de que forma a questão se relacionou com os artistas Julia de Azevedo e José Victorino? Na impossibilidade de responder essas questões unicamente por meio das correspondências, nos debruçamos sobre fatos e eventos da trajetória desses personagens na cena teatral paulistana de modo a trazer a lume o que as cartas não revelaram.

#### *José Ferreira de Menezes e o teatro de São Paulo*

Desde sua chegada a São Paulo para cursar a Academia de Direito do Largo de São Francisco no início dos anos 1860, José Ferreira de Menezes<sup>3</sup> já se distinguia no meio intelectual paulistano, sobretudo por suas aptidões no campo literário. Contos,

crônicas, críticas e ensaios de sua autoria estampavam as páginas dos periódicos associados às agremiações acadêmicas das quais fazia parte e encontraram espaço até mesmo na conhecida *Revista Popular*, periódico literário com circulação na Corte que contava com colaboradores do peso de Joaquim Manuel de Macedo, Antonio Gonçalves Dias e Manuel de Araújo Porto-Alegre, para citar alguns deles. O teatro, importante meio de comunicação e propagação de ideias para um público mais amplo e diverso, também encontrou em Ferreira de Menezes um colaborador dedicado (ALVES; SILVA, 2022; PINTO, 2014).

A primeira aproximação de que se tem notícia entre o acadêmico e a companhia dramática dirigida por Joaquim Augusto se deu três anos antes das correspondências dirigidas a Machado de Assis, quando na noite de 4 de junho 1863 subiu à cena do Teatro de S. Paulo a peça *A filha do lavrador*, tradução de Ferreira de Menezes para *La fille du paysan*, drama francês em cinco atos de Anicet-Bourgeois e Adolphe d'Ennery. Da companhia já faziam parte os artistas Julia de Azevedo e José Victorino, contratados desde novembro de 1862. Nessa noite contracenaram Joaquim Augusto, Julia de Azevedo e José Victorino, além de outros atores e atrizes do quadro da companhia.

**Figura 1** — Anúncio da peça *A filha do lavrador*, tradução de Ferreira de Menezes para o Teatro de S. Paulo.

**THEATRO.**

**Companhia dramatica nacional dirigida pelo artista Joaquim Augusto.**

QUINTA-FEIRA 4 DE JUNHO DE 1863.

1.ª representação do grande drama em 5 actos, de Anicet Bourgeois, e Dennery, traduzido pelo sr. José Ferreira de Menezes:

**A filha do Lavrador.**

PERSONAGENS.

Pedro Champloux.....	Joaquim Augusto.
Dr. André Souriel.....	Paiva.
Conde d e Lanjeac.....	J. Victorino.
Alberto de Sivry.....	Augusto filho.
Nantier.....	Militão.
D'Aglemont.....	Petit.
Médard.....	J. Eloy.
Magloire.....	Henrique.
Planchon.....	Vasques.
Um convidado.....	Esteves.
Joanna Champloux.....	Sra. Julia.
Helena.....	Sra. Minelvina.
Victorina.....	Sra. Benedicta.

No Castello de Lanjeac—Actualidade. As 7 3/4.

Fonte: Correio Paulistano, 2 jun. 1863, p.3

Dez dias depois, nas páginas do *Correio Paulistano*, o crítico sob o pseudônimo *Fiorentino*<sup>4</sup> elogiou o desempenho de Joaquim Augusto, que "compreendeu otimamente o tipo de Pedro Champloux", e de Julia de Azevedo, "verdadeira inteligência de artista e de mulher". Citou ainda os esforços de Ferreira de Menezes na tradução, apesar de

"pensa[r] menos na língua portuguesa do que nos originais que verte" (CORREIO PAULISTANO, 14 jun. 1863, p. 3).

No ano seguinte, por ocasião do aniversário da fundação dos cursos jurídicos no Brasil, outra tradução de Menezes foi levada à cena do teatro paulistano pela companhia dramática - *De um argueiro, um cavalheiro*, tradução de *Une corneille qui abat des noix*, comédia francesa em três atos de Théodore Barrière e Lambert-Thiboust (CORREIO PAULISTANO, 11 ago. 1864, p.1). Representaram todos os artistas do teatro, à exceção de Joaquim Augusto, que se afastou da companhia e seguiu para Portugal. Iniciou-se o espetáculo com a comédia em um ato *O caminho da porta*, de Machado de Assis. Em agosto de 1865, com Joaquim Augusto de volta a São Paulo e à companhia dramática, representou-se novamente *A filha do lavrador*, no espetáculo em benefício<sup>5</sup> da atriz Minelvina Rosa dos Santos Gonçalves (CORREIO PAULISTANO, 23 ago. 1865, p. 4). Em outubro do mesmo ano, Ferreira de Menezes assumiu o *Folhetim do Correio Paulistano*, onde passou a comentar, dentre outras coisas, as peças encenadas pela companhia dramática e o desempenho de seus artistas. No *Folhetim* de 14 de novembro, Menezes analisou o desempenho de Joaquim Augusto no papel de rei Herodes no drama bíblico *A degolação dos inocentes*, preferindo vê-lo nos dramas da escola realista (CORREIO PAULISTANO, 14 nov. 1865, p. 1). Em dezembro, mais uma composição de Ferreira de Menezes foi levada à cena pela companhia. *A aurora de artista*, cena cômica dedicada à jovem atriz Hortencia Vasques, foi representada no espetáculo dedicado ao aniversário do Imperador Pedro II, e reprisada na noite em benefício da atriz Philadelpha da Conceição Louro, ao final do mesmo mês (CORREIO PAULISTANO, 1 dez. 1865, p. 4; CORREIO PAULISTANO, 20 dez. 1865, p. 4).

Ao que tudo indica, Ferreira de Menezes mantinha uma relação amistosa com a companhia dramática e com o seu diretor. Por um lado, suas composições dramáticas e traduções foram levadas à cena em ocasiões especiais, eventos solenes e noites de benefício. A representação da comédia *Os novos campanólogos* na estreia da nova companhia dramática de Joaquim Augusto em sociedade com o empresário Antonio Bernardo Quartim, em 25 de janeiro de 1866, exemplifica bem essa afirmação (CORREIO PAULISTANO, 27 jan. 1866, p. 1). Por outro lado, suas críticas teatrais eram sempre condescendentes, dedicando a Joaquim Augusto, Julia de Azevedo e José Victorino seus melhores elogios. Ao ator Joaquim Augusto, dirigiu uma elogiosa carta publicada em 1º de março de 1866 nas páginas do *Correio Paulistano*, na qual exultava o "sacerdote da arte" por seu desempenho no papel principal do drama *Mauricio*

*Renaud, o louco por amor*, tradução de *Le fou par amour*, de Anicet-Bourgeois e D'Ennery (CORREIO PAULISTANO, 1 mar. 1866, p. 2-3).

A crítica polida de Ferreira de Menezes aos artistas do teatro se manteve até a publicação de seu último *Folhetim* no *Correio Paulistano*, em 6 de maio de 1866. Nesse texto, o acadêmico saiu em defesa da moralidade da peça por ele traduzida *O suplício de uma mulher*, drama em três atos de Émile de Girardin e Dumas Filho, levada à cena no espetáculo em benefício da atriz Julia de Azevedo. Na mesma noite foi apresentada a fantasia dramática *Entre primos*, composição de Menezes. Da atuação dos intérpretes no drama, o folhetinista exultou a atriz Julia no papel de protagonista, e o bom desempenho de Maria Velluti e José Victorino em papéis secundários. Do trabalho de Joaquim Augusto, diz que "deu traços vigorosos do caráter que representava" mas "ainda não lhe saiu completo das mãos" como o fez Furtado Coelho, por se encontrar doente (CORREIO PAULISTANO, 6 mai. 1866, p. 1). A partir de julho de 1866, Ferreira de Menezes passou a escrever para o *Diario de S. Paulo*, jornal lançado em agosto do ano anterior, e para o qual negociava a participação de Machado de Assis como correspondente na Corte.

#### *A crise no teatro de São Paulo*

Após um período turbulento à frente do Teatro Ginásio Dramático, no Rio de Janeiro, Joaquim Augusto partiu em 1862 para a cidade de São Paulo, onde organizou a Companhia Dramática Nacional para dar espetáculos no Teatro de S. Paulo. Com a morte de João Caetano dos Santos, ator, diretor e empresário do Teatro de São Pedro de Alcântara, em agosto de 1863, Joaquim Augusto se incumbiu da missão de assumir a direção da companhia dramática do principal palco da Corte. Para tanto, se afastou da direção da companhia dramática do Teatro de S. Paulo em meados de 1864 e seguiu viagem a Portugal, onde intentava contratar os primeiros artistas portugueses para compor a companhia da capital do Império. Com a partida de Joaquim Augusto, coincidiu a abertura do Teatro de São José, em São Paulo, obra faraônica a cargo do empresário e capitalista Antônio Bernardo Quartim que, junto a Joaquim José de Macedo, assumiu os negócios da companhia dramática paulistana na ausência de Joaquim Augusto. Enquanto este colhia os aplausos e a simpatia dos portugueses por seu desempenho na cena dramática *Cerração no mar*, do poeta português José Maria Dias Guimarães, inaugurava-se o São José com a representação do drama *A túnica de Nessus*, do acadêmico Sizenando Nabuco de Araújo, com os atores remanescentes da

companhia, dentre eles Julia de Azevedo, José Victorino, Gabriella da Cunha e Joaquim Augusto Filho (CORREIO PAULISTANO, 4 set. 1864, p. 4).

Sem lograr êxito nos negócios que o levaram a Portugal, Joaquim Augusto retornou à capital paulista, fazendo sua reentrada na cena em novembro daquele mesmo ano no papel de Comendador de *A graça de Deus*, tradução do drama em cinco atos *La grace de Dieu*, de D'Ennery e Gustave Lemoine (CORREIO PAULISTANO, 20 nov. 1864, p. 4). No início de 1865, Joaquim Augusto foi contratado em definitivo pela companhia do teatro de S. José (CORREIO PAULISTANO, 15 jan. 1865, p. 1). O protagonismo do ator junto à companhia, à imprensa e ao público ao longo do ano de 1865 impôs uma mudança de forças nos negócios do teatro, e em janeiro de 1866 uma nova empresa se constituiu, sociedade de Quartim e Joaquim Augusto. A empresa se comprometia a promover melhoramentos no edifício que, mesmo inaugurado, não se encontrava concluído, bem como a oferecer espetáculos novos com a participação de artistas renomados da Corte (CORREIO PAULISTANO, 25 jan. 1866, p. 2).

**Figura 2** — Nessa ilustração do *Diabo Coxo*, jornal satírico de Luiz Gama e Angelo Agostini, o Diabo incita o ator Joaquim Augusto a punir o empresário do teatro Antonio Bernardo Quartim.



Fonte: Diabo Coxo. ano I. n. 8. 1864.

Da mesma reputação do artista não gozava o capitão Antonio Bernardo Quartim, cuja obra para construção do novo teatro se arrastava desde o ano de 1854, consumindo grandes quantias do orçamento público. Durante as discussões do orçamento para os anos de 1866 e 1867, Quartim tomou dois duros golpes da Assembleia provincial: o deputado Oliverio Pillar submeteu projeto de decreto autorizando a presidência da província a rescindir o contrato entre o governo e Quartim para as obras do Teatro de

São José, enquanto a subvenção pública ao teatro no valor de 4 (quatro) contos de réis seria devida pelo tempo em que permanecesse e representasse na companhia o ator Joaquim Augusto (CORREIO PAULISTANO, 8 abr. 1866, p. 2-4; CORREIO PAULISTANO, 9 abr. 1866, p. 1-2). A subvenção destinada ao teatro sob tal condição gerou ruído entre os empresários, levando Joaquim Augusto a se manifestar publicamente nas páginas do *Correio Paulistano* contra as alegações de Quartim de que o ator teria se empenhado para tal fim:

Estando persuadido o sr. Proprietário do teatro de S. José, de que eu me empenhara a fim de que a subvenção fosse concedida enquanto eu representasse no dito teatro, sou obrigado a declarar publicamente (para despersuadir ao snr. Proprietário, ou a outra qualquer pessoa que assim pense) que, com quanto me veja assaz lisonjeado, e extremamente reconhecido para com a exma. assembleia provincial por ter a mesma achado conveniente uma tal resolução, nunca me passou pela ideia pedir, ou mesmo fazer a esse respeito qualquer insinuação (CORREIO PAULISTANO, 17 abr. 1866, p. 3).

A indisposição entre os empresários ecoou nos acionistas do teatro, que exigiram de Joaquim Augusto e da companhia dramática o cumprimento de obrigações pactuadas com a empresa do capitão Quartim, como o oferecimento de récitas privativas aos acionistas (CORREIO PAULISTANO, 8 jun. 1866, p. 3; CORREIO PAULISTANO, 9 jun. 1866, p. 3). Quartim, em resposta a um suposto acionista que teceu duras críticas ao teatro nas páginas do *Correio Paulistano*, ameaçou fechar o teatro e aceitar a proposta de Furtado Coelho de trazer sua companhia para São Paulo, se a atual companhia não honrasse com seus compromissos (CORREIO PAULISTANO, 14 jun. 1866, p.3). Nesse estado de ânimos, Joaquim Augusto abandonou a direção da companhia, e indicou deixar a cidade no mês de julho, sendo persuadido pelos demais artistas a permanecer no quadro da companhia (CORREIO PAULISTANO, 15 jun. 1866, p.3; CORREIO PAULISTANO, 17 jun. 1866, p. 3). A crise teatral não passou despercebida a Ferreira de Menezes que, em seu *Folhetim no Diario de S. Paulo* de 17 de junho, se somou às vozes contrárias à partida de Joaquim Augusto:

Anda em crise o teatro. O sr. Joaquim Augusto declarou que se retira desta cidade e desse modo terá de fechar-se o teatro, porque onerado como este está pelas obrigações que tem com os seus acionistas, pelo aluguel que paga, e perdendo a subvenção que lhe concede o governo da província; será impossível a qualquer companhia tomar conta dele. Por seu talento de ator e pelas cláusulas da lei do orçamento provincial a respeito do teatro, o sr. Joaquim Augusto é necessário à manutenção da atual companhia. Retirando-se portanto o mesmo artista e considerando-se no estado miserável dos teatros em todo o Império, alguns artistas baldos de recursos, ficarão em desagradáveis circunstâncias e das piores como são aquelas em que um pobre homem quer trabalhar para ganhar o sustento e não acha aonde e como. Estas razões que tem pesado no espírito do sr. Joaquim Augusto, devem continuar a

pesar e fazer-lhe recuar da sua determinação. E nem há para o sr. Augusto sacrifício de qualquer ordem, em ficar no meio de um povo que tem sido fervoroso em aplaudir o seu talento e em dar-lhe provas de sua estima (DIARIO DE S. PAULO, 17 jun. 1866, p. 1).

A partida de Joaquim Augusto implicaria inevitavelmente a desmobilização da companhia dramática, com a perda de seu primeiro ator e do subsídio recém-concedido pela Assembleia provincial. Apesar das manifestações contrárias, Joaquim Augusto parecia estar convencido de sua decisão de se retirar do teatro e da província, como noticiou o *Correio Paulistano* de 17 de julho (CORREIO PAULISTANO, 17 jul. 1866, p. 2).

### *O ataque a Joaquim Augusto*

No dia seguinte à notícia da saída de Joaquim Augusto do teatro de S. José, um correspondente sob o pseudônimo *O Imparcial* recorreu às páginas do *Diario de S. Paulo* para acusar o ator de se apropriar dos recursos da companhia dramática em detrimento dos demais artistas, garantindo assim os meios necessários para partir da cidade e deixando seus colegas à própria sorte:

O Sr. J. Augusto despediu-se da companhia e segue viagem feito o leão da fábula depois da partilha; isto quer dizer que o sr. J. Augusto parte enquanto aí ficam os seus companheiros que se desembolsaram do último vintém para que não deixasse de ser pago o ordenado que lhe haviam garantido! Os pobres artistas que há três meses têm tido os ordenados reduzidos à metade (quando os têm tido) *garantiram* um ordenado de trezentos mil réis ao sr. Augusto, colega deles e o colega que os levou ao estado atual com o aborto da sua empresa. É muito? Pois não é tudo. O sr. Augusto exigiu desde os tempos de sua empresa que os artistas lhe pagassem cinquenta mil réis pelo aluguel do piano que s. mc. comprou. Um piano por cinquenta mil réis por mês! Por menos aluga-se o piano e as lições do pianista. De tudo isto se conclui que os artistas deram um piano ao seu caro diretor (DIARIO DE S. PAULO, 18 jul. 1866, p. 2).

Curiosamente, a nota trazia detalhes de bastidores, como os valores recebidos por Joaquim Augusto a título de ordenado, bem como a negociação envolvendo o aluguel de um piano, o que denunciava que a fonte de informações era do círculo íntimo, se não parte, da companhia.

Incomodado com o teor da crítica, Joaquim Augusto apresentou queixa contra o *Diario de S. Paulo* por crime de injúrias impressas. Henrique Schroeder, redator do jornal, apresentou em juízo uma declaração de José Ferreira de Menezes na qual assumia a autoria, mas não a responsabilidade, da publicação, o que levou à condenação de Schroeder por não apresentar a responsabilidade legal do autor. Sem a intenção de penalizar o redator do *Diario*, Joaquim Augusto retirou sua denúncia, mas publicizou no

mesmo jornal uma carta pela qual revelou a verdadeira identidade do autor dessa "obra traiçoeira de um amigo falso":

Confesso ao público que a autoria do sr. José Ferreira de Menezes surpreendeu-me, porque nunca de minha parte houve a respeito dele, um ato ofensivo que o levasse a ser meu inimigo, e muito mais porque no próprio dia em que foi publicada a correspondência do *Diario de S. Paulo*, aquele senhor encontrou-se comigo, e como sempre veio trocar com minha humilde pessoa palavras de cortesia e amizade. Até hoje não pude chegar ao conhecimento do grande motivo que levou o sr. José Ferreira de Menezes a proceder de um modo *tão delicado[,] tão legal e tão digno* de todos os caracteres que prezam as virtudes de um inimigo cavalheiroso, descoberto, e desprezador dos meios torpes, e traiçoeiros. Seria o motivo do sr. José Ferreira de Menezes, alguma questão do teatro!? Seria o desejo de quebrar lanças pelo simples amor da - justiça a todos?! Seja qual for o motivo oculto, não tenho consciência de haver provocado as iras do sr. José Ferreira de Menezes. O móvel do seu ato continua a ser um mistério para mim (DIARIO DE S. PAULO, 22 jul. 1866, p. 2-3).

A manifestação de Joaquim Augusto no *Diario de S. Paulo* levou Ferreira de Menezes a dar queixa contra o jornal pelo mesmo motivo de injúrias impressas, e em 1º de agosto o ator foi condenado a seis meses de prisão (CORREIO PAULISTANO, 29 jul. 1866, p. 1; DIARIO DE S. PAULO, 2 ago. 1866, p. 3). Em poucos dias, a notícia da condenação chegou à Corte pelas páginas do *Correio Mercantil* (CORREIO MERCANTIL, 6 ago. 1866, p.2). Joaquim Augusto apelou da condenação, e a decisão final foi proferida em 18 de setembro, mesma data da correspondência de Ferreira de Menezes a Machado de Assis para tratar dos *negócios* do teatro.

Em 31 de outubro, a pedido de Joaquim Augusto, o *Correio Paulistano* publicou a sentença final do processo movido por Menezes, do qual foi absolvido o artista. Pela decisão, ficou exposto que o juiz que julgou o processo movido pelo acadêmico desconhecia a existência da ação anteriormente movida por Joaquim Augusto contra as acusações publicadas no *Diario*, e das quais se eximiu Menezes de responsabilidade por alegada minoridade.<sup>6</sup> Foi entendimento do juiz que a manifestação dos ressentimentos do artista se deu em termos polidos e que tendo Ferreira de Menezes se eximido da responsabilidade no processo anterior por sua minoridade, não poderia este, por si só, ser parte queixosa de um processo, sem a representação dos pais ou de um tutor (CORREIO PAULISTANO, 31 out. 1866, p. 2).

*Os bastidores da cena*

Das questões que norteiam este trabalho, uma ainda permanece pendente: a mobilização de Ferreira de Menezes para tirar José Victorino e Julia de Azevedo da cidade de São Paulo. Os detalhes dos bastidores do teatro revelados na publicação de *O Imparcial* sugerem que a(s) fonte(s) de Ferreira de Menezes fazia(m) parte do quadro de artistas da companhia dramática. Assinada sob o pseudônimo *Um admirador*, uma correspondência anônima publicada nas páginas do *Correio Paulistano* em 19 de julho ironizou o ator José Victorino, afirmando que, sendo ele o novo diretor da companhia, poderia levar à cena "a sua belíssima produção, que tem por título - Quem é o pai da criança? - que foi muito aplaudida" (CORREIO PAULISTANO, 19 jul. 1866, p. 2). O correspondente anônimo parecia atribuir a José Victorino o ataque a Joaquim Augusto, que só posteriormente se descobriu ser da autoria de Ferreira de Menezes. A resposta do próprio Victorino divulgada no dia seguinte à publicação, pela qual refutou a autoria de quaisquer publicações anônimas sobre questões teatrais, "que apareceram ou possam aparecer", reforça esse entendimento (CORREIO PAULISTANO, 20 jul. 1866, p. 3).

Retomando as correspondências de Ferreira de Menezes a Machado de Assis, o interesse do *infame* Joaquim Augusto na partida de Victorino e Julia, o aborrecimento de Ferreira de Menezes com o silêncio de Machado de Assis, e a impaciência do casal de artistas com a demora de uma solução, sugerem um desconforto generalizado no meio teatral paulistano e reforçam a hipótese do envolvimento desses artistas na desinteligência entre o acadêmico e o primeiro ator. Isso não impediu, contudo, que a companhia dramática seguisse com seus espetáculos.

Em 12 de agosto, subiu à cena em benefício de José Victorino a peça *Os ratos do Sena*, tradução do melodrama francês *Le nuits de la Seine*, de Marc Fournier, com a participação de Joaquim Augusto, Julia de Azevedo e do beneficiado (CORREIO PAULISTANO, 12 ago. 1866, p. 4). No dia 4 de outubro, após um breve hiato em cena da atriz Julia, que deu à luz seu filho Julio no final do mês de agosto, os três artistas contracenaram na comédia em benefício do ator João Eloy Quesado *Recordações da mocidade*, tradução de *Les souvenirs de jeunesse* (CORREIO PAULISTANO, 2 out. 1866, p. 4). Na semana seguinte, em 12 de outubro, foi a vez de Ferreira de Menezes, José Victorino e Joaquim Augusto se encontrarem no palco do S. José, na estreia do pianista português Arthur Napoleão, ocasião em que os três renderam homenagens e poesias ao jovem prodígio (CORREIO PAULISTANO, 18 out. 1866, p. 3).

Apesar de a companhia dramática seguir em atividade, a situação de decadência em que se encontrava o teatro dava sinais visíveis e, com a proximidade do término da temporada artística, outros artistas da companhia manifestaram sua intenção de abandonar a cidade, como o casal de artistas Minelvina Rosa dos Santos Gonçalves e Francisco de Assis Gonçalves (DIÁRIO DE S. PAULO, 7 out. 1866, p. 2). As críticas também não deixavam dúvidas da situação em que se encontrava a cena paulistana, como evidenciou *Smarra*<sup>7</sup> em seu folheto no *Correio Paulistano*:

O que falta ao teatro de S. José ninguém o diz positivamente, não há duas opiniões irmãs a respeito, e até o mesmo indivíduo não guarda dois dias seguidos a ideia aceita como verdadeira; mas todos são acordes em reconhecer, que o culto das artes ali veneradas está no último período que precede à dissolução, e que os seus sacerdotes como os simples adoradores estão repassados de frieza e ceticismo (CORREIO PAULISTANO, 28 out. 1866, p. 1)

O último espetáculo da companhia dramática ocorreu em 25 de novembro, com a representação da tragédia *Antônio José ou O poeta e a Inquisição*, em benefício do ponto da companhia<sup>8</sup>. Deu-se na sequência a dissolução da companhia, com a partida dos artistas Joaquim Augusto e sua esposa Maria Velluti, contratados para a companhia dramática do teatro de São Luiz, no Maranhão, e de José Victorino e Julia de Azevedo, que seguiram para a Corte (CORREIO PAULISTANO, 27 nov. 1866, p. 2). Em 29 de dezembro, Julia e Victorino fizeram sua reentrada no Teatro de S. Pedro de Alcântara, na representação do drama *Frei Luiz de Souza*, de Almeida Garrett. Concretizava-se, assim, o intento de Ferreira de Menezes, com a possível intercessão de Machado de Assis. Por ironia do destino, ou obra do acaso, desempenhou o papel principal do drama o ator Joaquim Augusto, que se encontrava na Corte com sua esposa Maria Velluti, enquanto aguardavam o início da temporada artística no norte do país para seguir ao Maranhão (JORNAL DO COMMERCIO, 29 dez. 1866, p. 4).

### *O fantasma de Furtado Coelho*

Uma última questão merece ser registrada: diz respeito à aparição do nome do ator português Furtado Coelho em meio à crise na cena teatral paulistana. Na correspondência de 18 de setembro a Machado de Assis, Ferreira de Menezes revelou ter recebido cartas de Furtado Coelho agradecendo os recados enviados por intermédio do escritor fluminense. No momento em que se deu a correspondência, Furtado Coelho era o empresário e diretor do Ginásio Dramático, funções assumidas em março de 1865. Teria Ferreira de Menezes a intenção de ver no palco do Ginásio suas composições ou

estaria empenhado na movimentação de José Victorino e Julia de Azevedo para a Corte? Em relação à primeira hipótese, não identificamos registro de peças de autoria do acadêmico nos anúncios do Ginásio Dramático naquele período. Quanto à última, parece pouco provável, tendo em vista a persistência de Menezes junto a Machado de Assis na condução das negociações envolvendo o casal de artistas e o Teatro de S. Pedro. Uma terceira hipótese merece ser lançada, e diz respeito à intenção de trazer Furtado Coelho e sua companhia a São Paulo, em substituição a Joaquim Augusto.

No seu *Folhetim* de 6 de maio de 1866, ao se debruçar sobre o desempenho dos artistas no drama *O suplício de uma mulher*, Ferreira de Menezes lamentou que Joaquim Augusto, que se encontrava doente, não tivesse feito do papel de Dumont "o melhor dos seus papéis como o soube fazer Furtado Coelho" (CORREIO PAULISTANO, 6 mai. 1866, p. 1). Seria apenas um senão no desempenho do artista, se o nome de Furtado Coelho não soasse como uma provocação a Joaquim Augusto, tendo em vista a relação conturbada entre os dois atores que remonta à época em que atuavam em companhias concorrentes no Rio Grande do Sul e que atingiu o seu ápice quando Furtado Coelho abandonou a sociedade com Joaquim Augusto e outros artistas que conduziria os trabalhos do Ginásio Dramático após a morte do seu empresário, Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos, em 1861. Por outro lado, ao mencionar Furtado Coelho, Menezes promovia o nome do artista junto ao público paulistano, e o seu próprio nome junto ao artista. Na correspondência em que ataca Joaquim Augusto sob o pseudônimo *O Imparcial*, Ferreira de Menezes também menciona Furtado Coelho, ao questionar qual seria a reação pública se as condutas daquele ator fossem praticadas pelo ator português.

A possibilidade de Furtado Coelho atuar em São Paulo não era de todo improvável e foi sinalizada pelo empresário do teatro Antonio Bernardo Quartim em 14 de junho, nas páginas do *Correio Paulistano*. Tendo recebido uma proposta do artista português de se estabelecer com sua companhia dramática na capital paulista, Quartim ameaçou desmobilizar a companhia de Joaquim Augusto se esta não honrasse os compromissos assumidos pela empresa do teatro com os seus acionistas (CORREIO PAULISTANO, 14 jun. 1866, p. 3). Num momento em que se discutia a renovação do contrato de Joaquim Augusto e o valor de seu ordenado, a ameaça talvez não passasse de blefe, pois Quartim sabia que o teatro de S. José não poderia abrir mão de Joaquim Augusto sem perdas, sendo a principal delas o subsídio governamental concedido ao teatro mediante a manutenção do artista na companhia. Apesar de toda a polêmica lançada em torno da sua permanência em São Paulo, Joaquim Augusto renovou o seu

contrato com a empresa do teatro no mês de julho, afastando assim qualquer intenção, de Quartim ou de Ferreira de Menezes, de substituí-lo por Furtado Coelho e sua companhia dramática até o final da temporada artística daquele ano. (CORREIO PAULISTANO, 20 de jul. 1866, p. 2-3).

### *Considerações finais*

No ano de 1866, uma crise se instaurou na cena teatral paulistana envolvendo seus principais agentes. Se, por um lado, o retorno do ator Joaquim Augusto a São Paulo significou o acaloramento das noites teatrais, por outro, impôs um reposicionamento de forças nos negócios do teatro e da companhia dramática. Esse reposicionamento não foi possível sem que se esgarçassem as relações entre as pessoas de teatro. Para Antonio Bernardo Quartim, empresário do teatro, a presença de Joaquim Augusto implicou a perda de espaço na condução dos negócios junto à companhia, sendo obrigado a associar-se ao artista para manter o subsídio governamental de que este era beneficiário. Para os demais artistas da companhia dramática, acreditamos que o retorno de Joaquim Augusto significou submeterem-se novamente à sua direção, com repercussões no protagonismo (e ordenado?) dos principais artistas, como José Victorino e Julia de Azevedo.

Numa época em que o teatro se constituía em espaço singular de encontro e afirmação da sociedade paulistana, na qual poucas pessoas desempenhavam múltiplos papéis sociais, a cizânia dos bastidores rapidamente extrapolou o espaço cênico, encontrando na imprensa um espaço privilegiado de reverberação. Por meio das páginas do *Correio Paulistano* e do *Diário de S. Paulo*, publicações anônimas se assomaram contra Joaquim Augusto, sobretudo quando este ameaçou deixar a companhia dramática e partir da cidade. As críticas não eram desinteressadas, e escondiam sob o anonimato pessoas diretamente envolvidas na cena teatral, como é o caso do ataque proferido por José Ferreira de Menezes. Sob o pseudônimo *O Imparcial*, Ferreira de Menezes revelou detalhes de bastidores na intenção de desqualificar o ator Joaquim Augusto, diferentemente do tratamento dispensado a este nas sempre elogiosas críticas proferidas pelo acadêmico em seus *Folhetins* devidamente assinados.

A crise na cena teatral paulistana não se limitou às divisas da cidade e ecoou na capital do Império. Por meio da correspondência travada com Machado de Assis, Ferreira de Menezes buscou angariar importantes atores sociais da Corte na sua intenção de desmobilizar a companhia dramática de Joaquim Augusto com a movimentação para

o Rio de Janeiro dos artistas José Victorino e Julia de Azevedo, possivelmente envolvidos na revelação dos detalhes dos bastidores do teatro que muniram as críticas do acadêmico. Furtado Coelho, com quem Ferreira de Menezes também se correspondia, constituía-se uma opção desejável ao palco paulistano, na ausência de Joaquim Augusto. A falta deste, contudo, não foi suprida pelo ator português e sua companhia do Ginásio Dramático. Ferreira de Menezes, contudo, subestimou a influência de Joaquim Augusto na cena teatral fluminense, o que levou ao inesperado reencontro em cena de Julia de Azevedo e José Victorino com Joaquim Augusto no palco do Teatro de S. Pedro de Alcântara, no espetáculo de 29 de dezembro de 1866.

Vistos à luz dos fatos e eventos que marcaram a trajetória dos principais personagens envolvidos, direta ou indiretamente, no conflito que se instaurou no teatro paulistano no ano de 1866 e que permitiram evidenciar a questão de fundo deste trabalho, pode-se afirmar que os fragmentos encontrados na correspondência de José Ferreira de Menezes a Machado de Assis permitiram descortinar uma parte da intrincada rede de relacionamento (e de disputa) dos agentes do campo artístico-literário brasileiro do século XIX, que se manteve fortemente ativa nos bastidores da vida pública.

## Referências

- ALVES, Sirlene; SILVA, Alexandra Lima da. O voo das graúnas: estudantes negras/os como intelectuais. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 22, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/61258>. Acesso em: 21 dez. 2022.
- ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I: 1860-1869. Apresentação, coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet; organização, Irene Moutinho, Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2008.
- CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, n. 216, ago. 1866.
- CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2116, jun. 1863.
- CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2126, jun. 1863.
- CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2469, ago. 1864.
- CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2489, set. 1864.
- CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2549, nov. 1864.
- CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2595, jan. 1865.
- CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2772, ago. 1865.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2840, nov. 1865.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2855, dez. 1865.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2870, dez. 1865.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2898, jan. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2899, jan. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2926, mar. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2960, abr. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2961, abr. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2969, abr. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 2987, mai. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 3013, jun. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 3014, jun. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 3018, jun. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 3019, jun. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 3021, jun. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 3045, jul. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 3047, jul. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 3048, jul. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 3056, jul. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 3068, ago. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 3107, out. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 3121, out. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 3130, out. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 3132, out. 1866.

CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 3153, nov. 1866.

DIARIO DE S. PAULO, São Paulo, n. 256, jun. 1866.

DIARIO DE S. PAULO, São Paulo, n. 281, jul. 1866.

DIARIO DE S. PAULO, São Paulo, n. 285, jul. 1866.

DIARIO DE S. PAULO, São Paulo, n. 293, ago. 1866.

DIARIO DE S. PAULO, São Paulo, n. 346, out. 1866.

GAMA, Luís. *Diabo coxo*: São Paulo, 1864-1865. redigido por Luís Gama; ilustrado por Angelo Agostini. - ed. fac-similar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, n. 361, dez. 1866.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX*. 2014. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014

---

<sup>1</sup>As correspondências de Ferreira de Menezes a Machado de Assis podem ser lidas na íntegra em ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I: 1860-1869. Apresentação, coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet; organização, Irene Moutinho, Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

<sup>2</sup>Luís Candido Furtado Coelho (1831-1900) foi um ator, ensaiador e empresário de origem portuguesa que se destacou nos palcos brasileiros como intérprete e promotor do realismo teatral. Para mais informações sobre Furtado Coelho, cf. FARIA, João Roberto. *O Teatro Realista no Brasil: 1855-1865*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

<sup>3</sup>José Ferreira de Menezes (184?-1881) foi um importante jornalista, literato e abolicionista brasileiro, tendo feito seus estudos na Academia de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. Não se deve confundir José Ferreira de Menezes com José Ignacio Gomes Ferreira de Menezes, acadêmico contemporâneo e autor do livro de poesias *Flores sem cheiro*. Em *Correspondência de Machado de Assis*, Sílvia Eleutério equivocadamente assume se tratar da mesma pessoa. Para mais informações sobre José Ferreira de Menezes, cf. PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX*. 2014. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

<sup>4</sup>*Fiorentino* é um dos pseudônimos atribuídos ao diplomata e escritor Luís Caetano Pereira Guimarães Júnior. Em 1863, Guimarães Junior cursava o primeiro ano do curso de direito em São Paulo. Para saber mais sobre a produção dramática dos acadêmicos do Largo de São Francisco e a relação destes com a cena teatral paulista, cf. AZEVEDO, Elizabeth R. *Um Palco sob as Arcadas: o teatro dos estudantes de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, no século XIX*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.

<sup>5</sup>Espetáculo em benefício era o espetáculo cujo produto da venda dos ingressos era revertido a um artista da companhia como complemento do seu ordenado, ou a uma causa beneficente.

<sup>6</sup>Há controvérsias quanto ao ano de nascimento de Ferreira de Menezes (1842 ou 1845) que, em nosso julgamento, podem estar relacionadas com o litígio em questão.

<sup>7</sup>*Smarra* era o pseudônimo utilizado pelo poeta e acadêmico Luís Nicolau Fagundes Varela em seus folhetins no *Correio Paulistano*.

<sup>8</sup>Empregado da companhia dramática que auxiliava os artistas em cena com suas falas a partir de uma caixa posicionada na frente do palco.

Artigo recebido em 17/10/2022

Aceito para publicação em 27/12/2022